



Movimento

ISSN: 0104-754X

stigger@adufrgs.ufrgs.br

Escola de Educação Física

Brasil

Pereira Morato, Márcio; Simões Pimentel Gomes, Mariana; Duarte, Edison; Gavião de Almeida, José
Júlio

A Leitura de Jogo no Futebol Para Cegos

Movimento, vol. 17, núm. 3, julio-septiembre, 2011, pp. 97-114

Escola de Educação Física

Rio Grande do Sul, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=115321322006>

- ▶ Como citar este artigo
- ▶ Número completo
- ▶ Mais artigos
- ▶ Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

A Leitura de Jogo no Futebol Para Cegos¹

*Márcio Pereira Morato**

*Mariana Simões Pimentel Gomes***

*Edison Duarte****

*José Júlio Gavião de Almeida*****

Resumo: Este estudo objetiva descrever e analisar as estratégias dos jogadores na leitura de jogo no futebol para cegos. Utilizamos entrevistas semi-estruturadas junto a jogadores e treinadores da modalidade. Após a transcrição recorremos à Análise de Enunciação, técnica da Análise de Conteúdo, para interpretar os temas enunciados nas falas dos entrevistados. As temáticas encontradas (Referências Sonoras/Cinestésicas, Mapa Mental, Comunicação, Características Jogadores) representam as estratégias utilizadas pelos entrevistados na leitura do jogo, pois permitem a orientação espacial baseada em pontos de referência fixos e móveis (jogadores) com recurso às suas potencialidades figuradas nas percepções auditivas e cinestésicas.

Palavras-chave: Futebol. Cegueira. Esportes

1 INTRODUÇÃO

Os jogadores de esportes coletivos precisam ler o jogo diante da complexa rede de informações inerentes à prática dessas modalidades. Precisam interpretá-lo para escolher uma resposta coerente a cada momento e situação vivenciada. A capacidade perceptiva e a tomada de decisão são cruciais nesse sentido

*Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas . Campinas, SP, Brasil.
E-mail: mpmorato@gmail.com

**Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas. Campinas, SP, Brasil
E-mail: marianaspg@gmail.com

***Universidade Estadual de Campinas. Campinas, SP, Brasil. E-mail: edison@fef.unicamp.br

****Universidade Estadual de Campinas. . Campinas, SP, Brasil E-mail: gaviao@fef.unicamp.br

¹Esse artigo é oriundo da dissertação de mestrado do autor: MORATO, Márcio P. Futebol para cegos (futebol de cinco) no Brasil: leitura do jogo e estratégias tático-técnicas, defendida na Faculdade de Educação Física da Unicamp, em 2007 e financiada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

(GARGANTA, 1997; GRAÇA, 1995; TAVARES, 1995). Para isso o jogador deve identificar o problema, percebendo e analisando a situação; elaborar uma solução mental, julgada mais adequada dentro de suas possibilidades; e executar a ação motora em resposta ao problema. Deve estar atento e concentrado ao recolher as informações para saber distinguir o fundamental do acessório, facilitando a avaliação do problema (TAVARES, 1995, 2002).

Para Bayer (1994) existem algumas modalidades perceptivas de capital importância para a interpretação das informações nas modalidades coletivas: (i) a propriocepção, para identificar o estado de tensão do sistema muscular e para a localização espacial dos segmentos corporais; (ii) o sentido tático (ter uma mão e um pé inteligentes segundo o autor), para o domínio de bola e o contato com os outros jogadores; (iii) a audição, para recolher as informações verbais e facilitar a percepção temporal das ações; (iv) o equilíbrio, pelos canais semicirculares do aparelho vestibular, para facilitar os deslocamentos no espaço de jogo; (v) e a visão, responsável por sustentar o pensamento tático. O sentido visual permite apreciar a velocidade e o deslocamento da bola, as ações dos outros jogadores e a identificar os espaços livres no terreno de jogo para orientar as ações do praticante (BAYER, 1994; TAVARES, 1995, 2002).

A visão é considerada o canal sensorial primário para a extensão do ser humano além de seu próprio corpo. É mediador de outras impressões sensoriais e age como estabilizador entre a pessoa e o mundo exterior, produzindo a maior quantidade de aprendizagem incidental (COBO; RODRIGUEZ; BUENO, 2003; CRAFT; LIEBERMAN, 2004) pela observação de técnicas significantes para cada cultura (MAUSS, 2003).

Talvez por isso, a maioria das culturas atuais desenvolveu muito o sentido visual, fazendo dele um sentido tão utilizado e valorizado nas sociedades contemporâneas que se apresenta como fator primordial pelo qual as pessoas se relacionam com o meio e com os outros, aprendendo, experimentando, medindo e julgando:

[...] na civilização ocidental o "conhecer" faz-se com o "ver" e o "ver" é condição para o "conhecer". Esta constatação põe em evidência a situação da pessoa deficiente visual de pertencer a uma cultura na qual o "conhecer" confunde-se com uma forma de percepção que ela não dispõe; condição intensificada na sociedade de massas do século XX, onde tudo se mostra ao olhar e é produzido para ser visto (MASINI, 1996, p. 39, grifos do autor).

No caso das pessoas cegas, não há aprendizagem incidental baseada no sentido visual e assim, a aprendizagem das técnicas e a construção do pensamento tático devem ser efetuado por outros caminhos, que não sejam por meio da visão (MORATO *et al*, 2008, NASCIMENTO, MORATO, 2006; SOUZA, 2002). Portanto, as táticas e técnicas utilizadas para responder as demandas do futebol para cegos, são reconstruções do patrimônio cultural do fenômeno futebol dentro das potencialidades dos jogadores da modalidade.

Mauss (2003) acredita que a destreza em realizar as técnicas de forma eficaz é dependente de um senso de adaptação de seus movimentos bem coordenados e objetivados à tarefa; uma facilidade de adaptação. Para ele a educação fundamental das técnicas consiste em fazer adaptar o corpo a seu uso.

É a educação da adaptabilidade do jogador às mudanças impostas pela situação, que deve ser exercitada nos jogos coletivos. E isso é fundamental no caso das pessoas cegas. Elas interpretam as informações no futebol de uma maneira adaptada às suas capacidades perceptivas (MORATO, 2007).

Nesse sentido, este artigo parte de uma reflexão das diferentes percepções da cegueira para buscar compreender as estratégias utilizadas pelos jogadores na leitura do jogo de futebol para cegos.

2 DECISÕES METODOLÓGICAS

Com a delimitação do problema centrada no objetivo exposto anteriormente, as características dessa pesquisa requeriam uma

investigação qualitativa de caráter descritivo e analítico. Desta forma, buscou-se absorver ao máximo as informações colhidas nos relatos orais dos sujeitos², discutindo e analisando seus conteúdos evidentes e latentes (THOMAS; NELSON, 2002).

Para tal, foi utilizada a entrevista semi-estruturada (TRIVIÑOS, 1987) junto a dez personagens do contexto da modalidade - seis jogadores³ e quatro técnicos⁴.

Para o tratamento, análise e interpretação dos dados recorreu-se a uma das técnicas da Análise de Conteúdo: a Análise de Enunciação. Esse tipo de análise é complementar à análise temática, que recorta o conjunto das entrevistas através de uma grelha de categorias projetada sobre os conteúdos (BARDIN, 1977).

As perguntas geraram um conjunto de categorias de análise - REFERÊNCIAS SONORAS, REFERÊNCIAS CINESTÉSICAS, MAPA MENTAL, COMUNICAÇÃO, CARACTERÍSTICAS DOS JOGADORES - fruto de aspectos latentes encontrados nos discursos dos interlocutores.

Após uma primeira análise de todas as entrevistas transcritas para a determinação das temáticas supracitadas, realizou-se a inferência individual para que cada uma das entrevistas fosse novamente analisada em sua singularidade, dentro dos diferentes indicadores e do sentido atribuído a eles por cada interlocutor.

Esta etapa proporcionou subsídios para a realização da inferência coletiva. Assim, pudemos discutir e refletir sobre os significados de cada temática.

²O projeto de pesquisa (com número de protocolo 371/2005) foi aprovado sem restrições pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Estadual de Campinas (CEP/FCM/UNICAMP).

³Dois dos jogadores entrevistados já foram artilheiros em competições internacionais (Mundial e Paraolímpica) e também considerados os melhores jogadores de futebol para cegos do mundo. Todos eles praticam a modalidade a mais de 13 anos e integraram a seleção brasileira nos Jogos Paraolímpicos de Atenas 2004, nos Pan-americanos de Cegos em 2005 e no Mundial de 2006. E ainda, quatro deles estiveram na conquista do bicampeonato paraolímpico em Pequim 2008 e no tri-mundial em Hereford 2010.

⁴Todos os técnicos são formados em Educação Física e trabalham com a modalidade a mais de 15 anos (a mais de 20 anos em dois casos). Também já dirigiram a seleção brasileira da modalidade.

3 As POTENCIALIDADES DA CEGUEIRA

As diferentes percepções das pessoas com deficiência visual, num mundo onde o sentido que lhes falta é muito valorizado, não lhes restringem de participar da construção do patrimônio histórico-cultural. O esporte é um dos relevantes fenômenos socioculturais da atualidade e por mais que a prática das pessoas com deficiência tenha demorado a se efetivar, hoje, a prática esportiva apresenta-se como aspecto facilitador da aceitação e reconhecimento social dessas pessoas, em vista da crescente divulgação de seus feitos.

O envolvimento e a prática em modalidades esportivas adaptadas às suas características peculiares questionam o conceito de incapacidade e dão lugar ao de potencialidade. Assim, a pessoa com deficiência apresenta um tipo de desenvolvimento qualitativamente diferente e único. "Se uma criança cega ou surda atinge o mesmo nível de desenvolvimento de uma criança normal, ela o faz de outra maneira, por outro percurso, por outros meios" (SACKS, 1995, p.17). O autor fica fascinado no papel paradoxal que distúrbios, doenças e deficiências têm para revelar poderes latentes, evoluções, formas de vida que talvez nunca fossem vistos ou imaginados se estes não existissem. Ele sublinha o "potencial criativo" que as pessoas têm para se adaptarem. São pessoas diferentes que constroem um mundo e uma identidade completamente diferente. Por serem diferentes, não há como compará-las a outras pessoas, muito menos inferiorizá-las, pois sua norma de referência é outra. Para o autor, a adaptação perpassa por uma reformulação da identidade de forma fluida e dinâmica.

Fato interessante e revelador neste aspecto é um caso relatado por ele, de um de seus pacientes. Virgil era cego desde a infância em virtude de densas cataratas⁵ em seus olhos e após uma cirurgia bem sucedida, depois de adulto, pôde voltar a enxergar.

⁵Opacidade parcial ou total do cristalino, ou da sua membrana, que impede a chegada dos raios luminosos à retina.

Mas ver para ele não fazia sentido. Ele podia enxergar, mas não entendia o que estava vendo. Sentia falta do toque da bengala para se locomover. Estava tão adaptado à cegueira que para entender o que via precisava tocar; precisava usar um outro sentido que lhe dava maior segurança, ao qual ele estava mais adaptado. O que a princípio poderia parecer fácil, pois a maioria das pessoas pode enxergar e isto é uma norma, para ele não era. Sua norma de referência era a cegueira e o que poderia parecer uma dádiva para muitos, que tem a visão como referência, se transformou em maldição para Virgil.

Sacks (1995), baseado em Diderot (1979), defende que as pessoas cegas podem construir um mundo completo e suficiente a sua maneira, ter uma "[...] identidade cega completa e nenhum sentimento de incapacidade ou inadequação, e que o 'problema' de sua cegueira e o desejo de curá-la é nosso, não deles" (SACKS, 1995, p.152).

A percepção da pessoa cega em relação ao ambiente que a cerca não é conhecida pelos objetos que passaram por ela, mas pelo tempo que esteve em movimento e pelas informações/sensações obtidas nesse ínterim.

Nós, com a totalidade dos sentidos, vivemos no espaço e no tempo; os cegos vivem num mundo só de tempo. Porque os cegos constroem seus mundos a partir de seqüências de impressões (táteis, auditivas, olfativas) e não sendo capazes, como as pessoas com visão, de uma percepção visual simultânea, de conhecer uma cena visual instantânea (SACKS, 1995, p. 138).

A orientação espacial é alcançada pela utilização da audição, do aparelho vestibular, do tato, da consciência cinestésica, do olfato e da visão residual nos casos em que ainda se encontram alguma percepção luminosa ou de vulto (FELIPE; FELIPPE, 1997).

O tato é o sentido que reside por todo o corpo, por toda a superfície da pele. Desempenha para a pessoa cega, assim como a audição, um meio de inestimável importância para o reconhecimento

do ambiente (ACKERMAN, 1996). Seu âmbito de atuação é bem proximal e parcial, não vai além da pele, diferentemente da visão que pode perceber espaços muito distantes e facilita a globalização da informação (COBO; RODRIGUEZ; BUENO, 2003).

A audição apresenta papel triplo na cegueira: proporciona informação do meio, auxilia na orientação espacial e fornece dados para uma orientação independente pelo ambiente (COBO; RODRIGUEZ; BUENO, 2003).

A percepção de outras pessoas só é possível quando estas tocam a pessoa cega, falam, fazem barulho ou exalam um odor característico. Elas estão em movimento, vem e vão, aparecem do nada, desaparecem; são temporais.

A Orientação e Mobilidade, ciência no campo da motricidade humana que tem como foco a locomoção e a orientação espaço-temporal de pessoas com deficiência visual, apresenta alguns conceitos básicos a serem desenvolvidos pela pessoa cega (FELIPE; FELIPPE, 1997):

"Conhecer a si mesmo e o próprio corpo, para poder se relacionar com o ambiente;

"Determinar o sentido e a direção do deslocamento, saber de onde parte e para onde vai;

"Conseguir medir temporalmente a distância entre o ponto de partida e o de chegada;

"Estar atento a possíveis pistas ou pontos de referência (tátteis, sonoros ou olfativos) no trajeto;

"Construir um mapa mental do(s) espaço(s) em que se desloca, para facilitar a interpretação das distâncias a percorrer, saber o que vai encontrar à frente e qual sua localização num dado momento.

As características peculiares das pessoas cegas demonstram os diferentes caminhos que elas utilizam para interpretarem e lerem o jogo de futebol, re-significando o fenômeno de acordo com suas potencialidades.

4 ESTRATÉGIAS PARA A LEITURA DO JOGO NO FUTEBOL PARA CEGOS

A não utilização da informação visual⁶ dá ao futebol para cegos uma dinâmica única, baseada em uma leitura de jogo construída pela percepção auditiva e cinestésica. Fato que pressupõe um entendimento tático-técnico diferenciado e a necessidade da criação de estratégias que dêem suporte a isso.

Para se localizarem em quadra, os jogadores procuram imaginá-la mentalmente, construindo tal imagem a partir de pontos referenciais não mutáveis, ou seja, que permaneçam no mesmo local do início ao fim do jogo. Geralmente as referências utilizadas para a construção do mapa mental de quadra são previstas em regra. Assim, elas são semelhantes em qualquer que seja a quadra de jogo.

As referências fixas mais utilizadas são as bandas laterais e os orientadores (goleiro, chamador e técnico). As duas linhas laterais de quadra são chamadas de bandas laterais e marcadas com barreiras ao longo de toda sua extensão e 1m além das linhas de meta. As bandas medem de 1m a 1,20m de altura e diminuem a ocorrência de laterais, aumentando o tempo de bola em jogo, já que só é assinalado lateral quando a bola passa sobre a banda. Os orientadores são responsáveis pela função de orientação em quadra e cada um tem sua área de atuação restrita, delimitada pela divisão da quadra em três partes, os chamados terços de orientação. No terço defensivo a responsabilidade de orientação é do goleiro. No terço ofensivo é do chamador, que se posiciona atrás do gol da equipe rival com o objetivo de sinalizar o alvo para o atacante de sua equipe. Já no terço médio a responsabilidade é do técnico, situado no banco de reservas de sua equipe. Tal função deve ser exercida de forma discreta para não dificultar a percepção de outras referências sonoras pelos jogadores.

⁶Exceção feita aos goleiros. Antigamente só era permitido inscrever goleiros com baixa visão. Hoje, permite-se também a utilização de goleiros com o sentido visual integral. Para saber mais sobre as regras do futebol para cegos, vide IBSA (2010).

[...] o DV [pessoa com deficiência visual], ele sabe onde ele tá. Ele estando na quadra ele sabe onde ele tá. [...] Ele sabe que ele tá... se ele ouve a voz do goleiro adversário ele sabe se tá longe do gol, se tá perto. Se ele ouve a nossa voz, a voz de nosso goleiro ele sabe se tá longe ou se tá perto, ele... nem precisa falar, as vezes ele mesmo sabe aonde que ele tá dentro de quadra, né. Às vezes ele tem a noção completa. Ah! peraí, eu tô a uns 5 metros da banda, eu tô a 10 metros da banda, eu tô a 10 metros do gol. Ele sabe mais ou menos... ele sabe essa... essa distância. O ouvido já te dá essa distância [...]. Ele já faz a... a medida da distância né. O próprio ouvido do deficiente, que é o que ele depende muito (Trecho da entrevista do Jogador 2).

Construir uma imagem da quadra, que seja acessível ao próprio jogador e não distorcida da sua realidade, pode propiciar um avançado domínio espaço-temporal, dando segurança e facilitando seu deslocamento.

A utilização de maquetes da quadra durante a aprendizagem pode auxiliar a construção do mapa mental pelo jogador. Elas possibilitam a globalização da informação. As referências não sonoras (traves e bandas laterais, por exemplo), que necessitam de certa proximidade para serem identificadas pelo tato, são inseridas dentro do contexto global pela utilização da maquete e se unem às referências sonoras para a orientação espacial quando em situação de jogo (ALMEIDA *et al*, 2008; MORATO, 2007; NASCIMENTO; MORATO, 2006).

Conhecer a quadra em tamanho reduzido pode facilitar a transferência para a situação real. Porém, tal transferência é dependente do treinamento no espaço específico de jogo.

[...] existe alguns exercícios, aqueles exercícios que você, que o..., que a pessoa que tá lhe orientando, o técnico, que tá falando assim: vai para esquerda de ataque, esquerda de defesa, meio do... da quadra, defesa central. E acho que através desses deslocamentos que você fica fazendo meio que robotizado, você consegue buscar com o tempo

uma... uma localização né, dentro daquele espaço, que te possibilita saber onde você se encontra (Trecho da entrevista do Jogador 1).

Com a imagem da quadra em mente as referências sonoras (distais) e cinestésicas (proximais) se apresentam como foco de orientação e permitem ao jogador a realização dos princípios ofensivos e defensivos do jogo.

Em se tratando de referências sonoras, o som da bola é sem dúvida o maior motivo das ações dos jogadores. Com a equipe em condição defensiva, saber onde ela está é fator primordial para a defesa da meta. Ao ouvir a bola os defensores se posicionam para impedir a progressão adversária, tentando recuperá-la do adversário que a tem sob controle e organizando a cobertura, caso um defensor falhe no primeiro combate.

Nas ações ofensivas a bola é referência para as ações tático-técnicas, como a condução, o passe e a recepção, além da movimentação dos atacantes sem a posse de bola que se orientam por ela para buscarem melhores condições de finalização, se apresentando como opção de passe ao parceiro que a tem sob controle.

[Na defesa] Não procuro chegar estourando com ele [adversário], eu procuro estar correndo do lado dele e na hora que eu sinto que ele adiantou a bola eu boto o pé e tiro de lado a bola e pego na banda primeiro do que ele (Trecho da entrevista do Jogador 3).

[...] a gente percebe também quando o atleta tá com a bola e tá indo de encontro ao gol pra fazer o gol né, e como a bola tá vindo de encontro a gente já sabe mesmo que é nosso adversário... ai a gente pega e chama nossos companheiros e fica se comunicando um com o outro dentro da quadra (Trecho da entrevista do Jogador 5).

Além do som da bola, a regra do voy (ou regra de disputa de bola) origina outra referência sonora utilizada pelos jogadores para a leitura do jogo⁷. Ouvir o voy se torna um estímulo para a escolha de resposta à situação-problema encontrada, tanto em ações defensivas como também em ofensivas.

Quando o adversário fala o voy, você sabe onde ele tá. Ele tá na minha frente, peraí! Se ele falou voy para minha esquerda então eu vou dar um giro para direita e vou embora. Se ele falou um voy na minha direita, opa! Vou dar um giro para esquerda e vou embora. E se ele tá na frente, peraí, dá para mim passar por ele e... ou então eu toco a bola, se tiver mais de um adversário, se tem dois ou três adversários falando voy, eu toco a bola no meu ala contrário. Ele vai tá sozinho logicamente, se tem três comigo, um, eu calculo que esteja lá na frente, os outros... o meu ala contrário tá sozinho (Trecho da entrevista do Jogador 2).

[...] pelo fato de falar o voy quando vai dar o combate, por exemplo, os outros colegas da equipe já sabem que tem alguém na bola da equipe e se eu perder essa bola eu já falo, passou, muito rapidamente para que o colega tenha percepção e vá marcar logo em seguida e você já ganha tempo na cobertura (Trecho da entrevista do Jogador 4).

Outra referência utilizada é o barulho emitido pelos jogadores ao se deslocarem. Ouvir os passos da corrida dos adversários permite localizá-los em quadra. Essas referências sonoras podem estar em estreita relação com as referências cinestésicas, pois são mais proximais que as outras referências sonoras já citadas.

Além do contato corporal, a percepção cinestésica mais evidenciada foi a sensação proporcionada pelo deslocamento de ar

⁷Os jogadores devem disputar ou buscar a bola com a cabeça erguida (para evitar choques) e o defensor deve obrigatoriamente dizer de forma clara e audível a palavra "voy" ou "go", ou outra palavra similar, alguns metros antes de efetivar o combate ao jogador em posse de bola. A não execução dessas ações pelos jogadores acarreta uma falta acumulativa e pessoal, pois pode causar lesões por contatos bruscos.

produzido quando os jogadores se movimentam. Tal sensação permite a identificação do oponente mesmo que ele não faça barulho.

Também o bater de pés a gente percebe, a corrida, o deslocamento do ar quando a pessoa passa na sua frente e você percebe também, pelo deslocamento do ar por causa da pessoa estar passando, mas virtualmente pelas orientações que uns trocam com os outros dentro da quadra mesmo (Trecho da entrevista do Jogador 4).

É pela mesma forma como o deslocamento, as referências sonoras, que eles fazem quando se dirigem a bola eles produzem som, tanto na corrida como falando, como falando voy, por exemplo, esse é um ponto, e tem a noção... você percebe pelo deslocamento do ar. É a mesma coisa se você fecha o olho e vai na direção de uma parede, você percebe que muda o som muda por conta do deslocamento do vento então, é sei lá, você pode chamar isso de noção de espaço mas são as duas maneiras da gente perceber o adversário (Trecho da entrevista do Jogador 6).

Sendo a audição o sentido mais utilizado pelos jogadores de futebol para cegos na leitura do jogo, a comunicação entre as equipes auxilia neste fim. Ela é embasada na estruturação coletiva adotada por cada equipe, em termos de esquemas táticos e movimentações, o que facilita a identificação dos companheiros em quadra pelo conhecimento das funções que eles exercem no modelo de jogo da equipe.

Os orientadores (goleiro, técnico, chamador) dão informações acerca do posicionamento adversário, além de servirem como pontos de referência para a orientação espacial em quadra. Mesmo a comunicação dos adversários, que não tem por finalidade orientar a equipe contrária, acaba servindo para este fim, pois também podem se tornar pontos de referência e auxiliar na interpretação da situação de jogo.

Conhecer bem as características e preferências dos parceiros e a função de cada um no esquema tático da equipe, facilita o

entrosamento e, consequentemente, requer um nível reduzido de comunicação nas ações ofensivas. Conhecer também o adversário e saber quem é ele apresenta-se como um trunfo para a antecipação da jogada na escolha de estratégias mais adequadas para marcá-lo, em virtude das diferentes características de cada um. O reconhecimento da voz dos jogadores também é um fator importante para a orientação.

[...] eu peço muito para o goleiro falar quem tá na bola, para poder saber o jeito que eu vou marcar, o espaço que eu vou dar para ele ou não, entendeu? Então é isso que eu faço. É... porque cada jogador tem uma característica. Tem uns que se você encostar você vai tomar o drible mais fácil, tem outros que não! Essa também... esse também é um diferencial que a gente procura estar sempre vendendo. [...] Porque cada um tem que ficar num... determinado espaço da quadra para receber a bola. Um, um pouco a frente, outro um pouco atrás para pegar a bola e dar aquela arrancada, outro já à frente para pegar e dominar e bater logo, rápido pro gol. Então a gente conhece essas características com o decorrer do tempo. Então o tempo que nos ensinou isso (Trecho da entrevista do Jogador 3).

Uma é a questão de conhecer o jogador e saber a posição que ele joga, isso já é meio caminho andado, como, por exemplo, se eu dominar na direita, invariavelmente eu sei que vai ter alguém descendo pela esquerda eu vou tocar (Trecho da entrevista do Jogador 6).

De acordo com o processamento das informações obtidas pelos canais auditivos e cinestésicos, os jogadores percebem e analisam a situação-problema de acordo com suas capacidades perceptivas/analíticas, desenvolvendo suas próprias estratégias para a execução das ações motoras em resposta a cada situação. Nessa fase, a capacidade perceptiva do jogador auxilia na distinção entre os estímulos fundamentais e acessórios, orientando-os na avaliação do problema e na tomada de decisão para a escolha da ação a ser executada.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com auxílio da Figura 1 procura-se ilustrar e sintetizar a discussão sobre a leitura do jogo no futebol para cegos.

Para tal, os jogadores constroem um mapa mental da quadra a partir de referenciais sonoros e cinestésicos. Tal imagem mental permite que eles se localizem pelo espaço de jogo, tomando como base os pontos referenciais fixos previstos em regra: bandas laterais e terços de orientação (goleiros, chamadores e técnicos).

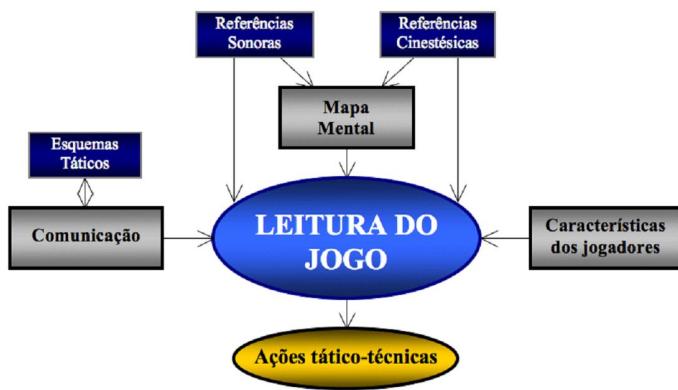


Figura 1 - As estratégias usadas pelos jogadores
Fonte: Morato (2007)

Juntamente com as referências sonoras e cinestésicas, a comunicação entre os elementos da equipe, auxilia a leitura do jogo ao permitir a localização dos referenciais móveis (jogadores). Toda comunicação é orientada pelo esquema tático adotado pelas equipes. Fato que possibilita uma maior previsão do posicionamento dos parceiros e também dos adversários.

A comunicação adversária também é utilizada para tal fim. Estar atento aos adversários, permite identificá-los em quadra e isso pode facilitar a antecipação das jogadas.

Outra estratégia que os jogadores entrevistados utilizam, é tentar conhecer as características dos outros jogadores, tanto parceiros quanto adversários. Isso permite, por exemplo, saber como e onde o companheiro prefere receber a bola, ou então como marcar os oponentes: fechando o lado em que eles têm mais facilidade, chegando mais próximos para dificultar a recepção e domínio de bola ou dando mais espaço ao adversário para não ser driblado.

De posse das informações obtidas pela leitura do jogo, o jogador as processa de acordo com sua capacidade perceptiva e seleciona a ação tático-técnica que julga necessária para resolver a situação problema em que se encontra.

Tais caminhos ou estratégias utilizadas por esses jogadores para lidarem com as situações-problemas encontradas no futebol para cegos, demonstram que a visão pode nos privar de muitas outras informações ocorridas nas partidas e que se pode aprender muito com seus "potenciais criativos".

The Game Understanding in Football 5-A-Side

Abstract: This study objectives to describe and analyze the strategies for the game understanding used by players in football 5-a-side. We used semi-structured interviews with players and coaches of the modality. After the transcription we utilized the Enunciation Analysis, one of the Contends Analysis technique, to interpret the enunciated matters in the speech of the subjects. The categories (Sonorous/kinesthetic References, Mental Map, Communication, Players Characteristics) represent the used strategies in the game understanding, as soon as they allow the spatial orientation, which is based on fixed and movable (players) reference points that recover their potentialities figured in their auditory and kinesthetic perceptions.

Keywords: Football. Blindness. Sports

La Lectura del Juego en el Fútbol para Ciegos

Resumen: Este estudio tiene como objetivo describir y analizar las estrategias de los jugadores en la lectura del juego en el fútbol para ciegos. Utilizamos entrevistas semi-estructuradas con jugadores y entrenadores de la modalidad. Después de la transcripción utilizamos la análisis de enunciación, una de las técnicas de la análisis de contenido, para interpretar los temas enunciados en los discursos de los entrevistados. Las temáticas encontradas (Referencias sonoras/kinestésicas, Plano Mental, Comunicación, Características Jugadores) representan las estrategias utilizadas por los entrevistados en la lectura del juego ya que permiten la orientación espacial basada en puntos de referencia fijos y móviles (jugadores) que rescatan sus potencialidades figuradas en las percepciones auditivas y kinestésicas.

Palabras clave: Fútbol. Ceguera. Deportes

REFERÊNCIAS

- ACKERMAN, Diane. **Uma história natural dos sentidos**. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.
- ALMEIDA, José J. G. et al. (Org.). **Goalball: invertendo o jogo da inclusão**. Campinas: Autores Associados, 2008.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BAYER, Claude. **O ensino dos desportos coletivos**. Lisboa: Dinalivro, 1994.
- COBO Ana D.; RODRÍGUEZ, Manuel G.; BUENO, Salvador T. Desenvolvimento cognitivo e deficiência visual. In: MARTÍN, Manuel B.; BUENO, Salvador T. (Coord.). **Deficiência visual: aspectos psicoevolutivos e educativos**. São Paulo: Santos, 2003.
- CRAFT, Diane H.; LIEBERMAN, Lauren. Deficiência visual e surdez. In: WINNICK, Joseph P. (Ed.). **Educação física e esportes adaptados**. Barueri: Manole, 2004.
- FELIPE, João A. M.; FELIPPE, Vera L. R. **Orientação e mobilidade**. São Paulo: Laramara, 1997.
- GARGANTA, Júlio. **Modelação táctica do jogo de futebol**: estudo da organização da fase ofensiva em equipas de alto rendimento. 1997. 312f. Tese (Doutorado em Educação Física) - Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física, Universidade do Porto. Porto, 1997.
- GRAÇA, Amândio. Os comos e os quandos no ensino dos jogos. In: GRAÇA, Amândio; OLIVEIRA, José (Ed.). **O ensino dos jogos desportivos**. 2. ed. Porto: Universidade do Porto, 1995.
- INTERNATIONAL BLIND SPORTS FEDERATION (IBSA). **Fútbol sala**. Disponível em: <<http://www.ibsa.es/esp/deportes/football/presentacion.htm>>. Acesso em: 20 set. 2010.
- MASINI, Elcie F. S. A experiência perceptiva, o corpo e a pessoa deficiente visual. In: **Cadernos de Psicologia**, São Paulo, n. 1, p. 39-44, 1996.
- MAUSS, Marcel. **Sociologia e antropologia**. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.
- MORATO, Márcio P. **Futebol para cegos (futebol de cinco) no Brasil**: leitura do jogo e estratégias tático-técnicas. 2007. 202f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.
- MORATO, Márcio P. et al. Características do jogo In: ALMEIDA, José J. G. et al. (Org.). **Goalball: invertendo o jogo da inclusão**. Campinas: Autores Associados, 2008.

NASCIMENTO, Dailton F.; MORATO, Márcio. P. **Goalball**: manual de orientação para professores de educação física. Brasília: Comitê Paraolímpico Brasileiro, 2006.

SACKS, Oliver W. **Um antropólogo em Marte**: sete histórias paradoxais. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SOUZA, Ramon P. de. Futsal para cegos: uma proposta para a iniciação. **Benjamin Constant**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 22, p.3-6, ago. 2002.

TAVARES, Fernando. O processamento da informação nos jogos desportivos. In: GRAÇA, Amândio; OLIVEIRA, José (Ed.). **O ensino dos jogos desportivos**. 2. ed. Porto: Universidade do Porto, 1995.

_____. Análise da estrutura e dinâmica do jogo nos jogos desportivos. In: BARBANTI, Valdir J. et al. (Org.). **Esporte e atividade física**: interação entre rendimento e saúde. São Paulo: Manole, 2002.

THOMAS, Jerry R.; NELSON, Jack K. **Métodos de pesquisa em atividade física**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

TRIVIÑOS, Augusto N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

AGRADECIMENTOS Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq)/Brasil, pelo apoio financeiro concedido para a realização deste trabalho.

Endereço para correspondência

Márcio Pereira Morato

mpmorato@gmail.com

Rua do Sol, 148 - Camélia 31

Bairro Jardim do Sol

CEP 13085-260

Campinas-SP, Brasil

+55-19-8838-1055

Recebido em: 10.11.2010

Aprovado em: 20.07.2011

Movimento, Porto Alegre, v. 17, n. 03, p. 97-114, jul/set de 2011.